



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

Anna Caroline Carvalho

**O Narrador e a memória em *A chave de casa***

Monografia em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura

Brasília

2017

Anna Caroline Carvalho

**O Narrador e a memória em *A chave de casa***

Monografia apresentada na disciplina Monografia em Literatura como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes

Brasília

2017

## Resumo

*A chave de casa*, romance de estreia da autora Tatiana Salem Levy, é construído a partir de vários fragmentos que a princípio contam diversas histórias, mas que aos poucos vão construindo a história familiar da protagonista. O livro vai tomando forma similar à da memória: vacilante e não linear. O presente trabalho busca analisar como dois dos narradores presentes no livro, a narradora protagonista e o narrador onisciente neutro, agregam à construção da obra, além de entender a importância da memória para a formação da identidade da protagonista e como a quebra com a herança migratória de seus antepassados se mostra tão importante para a composição de sua identidade.

**Palavras-chave:** Tatiana Salem Levy; foco narrativo; migração; memória.

## **Abstract**

*A chave de casa*, the debut novel by the author Tatiana Salem Levy, is built from several fragments which tell different stories, but gradually build the family of the protagonist's history. The book takes shape similarly to how memory is made: hesitant and non-linear. The present work seeks to analyze how two of the narrators in the book, the narrator protagonist and the neutral omniscient narrator, aggregate meaning to the story, besides trying to understand the importance of memory in shaping the protagonist's identity and how the break with the migratory heritage of her ancestors proves so important to the composition of her identity.

**Keywords:** Tatiana Salem Levy; Narrative focus; Migration; Memory.

## **Sumário**

INTRODUÇÃO.....	6
1. A MEMÓRIA EM A <i>CHAVE DE CASA</i> .....	7
2. OS NARRADORES EM A <i>CHAVE DE CASA</i> .....	12
2.1 Narrador-protagonista.....	12
2.2 Narrador Onisciente Neutro.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise da figura dos narradores encontrados na obra *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, além de procurar entender como a escolha por estas vozes narrativas agrega à realização do que a obra propõe: um estudo sobre herança e memória.

*A chave de casa* foi publicado primeiramente pela editora Livros Cotovia em Portugal, para só mais tarde chegar ao Brasil pela Record. A obra foi apresentada como a tese de doutorado de Levy e a esta foi acrescentado um post scriptum a fim de complementá-la, no qual a autora descreve o processo de escrita do livro e sua motivação. Em sua tese, Tatiana Salem Levy planejava escrever de forma acadêmica sobre o processo que leva a herança a se tornar uma parte do indivíduo, porém, aos poucos, o projeto foi adquirindo uma voz mais ficcional, até a autora finalmente se convencer a escrever o romance e entregá-lo no lugar de seu trabalho.

A obra pertence à categoria da autoficção, termo criado por Serge Doubrovsky para designar o gênero que mescla a ficção e a autobiografia. A história é narrada em sua maior parte por uma protagonista sem nome, que organiza a narração em fragmentos, passeando por relatos importantes para a construção de sua identidade: a morte da mãe; o relacionamento com um homem abusivo; a viagem para a Turquia. Entre esses fragmentos, encontramos também um narrador em terceira pessoa que se ocupa em contar sobre o passado dos pais da protagonista e a saída do avô de sua terra natal.

A construção da obra, tanto o que se refere ao formato fragmentado que não segue uma cronologia linear e muitas vezes une ideias antagônicas, mas que aos poucos vai se ligando e dando significado à história. Diferentes narradores se alternam, as vezes no mesmo fragmento. Para nossa análise sobre o foco narrativo, utilizaremos principalmente a tipologia de Norman Friedman, além de outros autores descritos no livro de Ligia Chiappine, *O foco narrativo* (1999).

O trabalho se estruturará em dois capítulos. O primeiro tratará sobre a questão da memória e da herança, e o segundo, sobre as diferentes vozes narrativas em *A chave de casa* e sua influência na construção da obra.

## 1. A MEMÓRIA EM *A CHAVE DE CASA*

*A chave de casa* trata em sua grande parte sobre memória. Não apenas a simples memória da personagem, mas tudo aquilo que lhe ficou de seus pais e avós. Para a protagonista, a memória e sua própria identidade estão intimamente relacionadas, uma se apoiando na outra (CAIXETA, 2013), tanto que a busca por compreender a herança familiar se confunde com a busca pela compreensão de sua própria identidade.

Para Sheila Couto Caixeta (2013), as migrações realizadas pela família da protagonista em *A chave de casa* se tornam um sofrimento para a protagonista. Esta nasce entre as memórias de viagem, mas se vê presa, sem conseguir sair do lugar. A viagem para o país de seu avô, na tentativa de encontrar a casa a qual pertence a chave que lhe foi entregue, é a chance de encontrar sentido no passado.

A busca pela memória é uma forma de alcançar eventos passados, porém, não é apenas de lembranças que se constitui esse processo, mas também de esquecimento. O esquecimento para Caixeta não é de todo negativo, ele é importante para encobrir lembranças traumáticas. É a memória que deve buscar o equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento, além de reinterpretar o passado a fim de reapropriá-lo ao presente.

As migrações, para Caixeta, permitem que a protagonista tenha contato com várias identidades culturais, o que gera a contradição entre os sentimentos com relação ao herdado e ao vivido. A identidade se constrói a partir de um passado, mas ao resgatá-lo, o sujeito o reformula a partir do presente. A forma como o texto é construído, a partir de fragmentos que não seguem uma cronologia, assemelham-se ao comportamento errático da lembrança, que não surge de maneira linear, muito menos com precisão. O tempo na obra passa a ser o da própria narrativa, o que permite que a narradora se utilize de métodos que lhe possibilitem alongar eventos mais importantes, reduzir os de menos importância, reformular acontecimentos passados e criar projeções no futuro.

Caixeta finaliza apontando a importância da memória como uma forma de organizar os eventos passados a partir de uma necessidade do presente, buscando os acontecimentos marcantes e visando entender as ações do ser humano no decorrer do tempo.

Já Jacques Fux e Agnes Rissardo (2011) veem a obra, a escapatória para a literatura, como a forma encontrada pela autora de lidar com a dor e o peso das migrações que correm em

diversos galhos de sua árvore genealógica. A viagem passa a se tornar uma busca por acabar com a repetição, uma forma de terminar com o ciclo de migrações, voltando para o país de seus antepassados, mas com a finalidade de encontrar respostas para suas próprias dúvidas e o próprio sentido de seu presente e identidade. Como colocam os autores:

A obra é, portanto, a viagem e o testemunho de uma personagem em busca de suas origens e de sua herança indelével. É, no entanto, a partir dessa viagem para fora que tem início a “viagem para dentro” mencionada por Castello, em que mobilidade e imobilidade se alternam e se complementam para darem sentido ao passado e ao presente da narradora. (FUX; RISSARDO, 2011, p. 28)

A autora passa a trabalhar com a oposição entre imobilidade e mobilidade, sendo a primeira toda a carga herdada, e a segunda, a vontade de quebrar com o passado, suportar algo que ela acredita não ser dela (FUX; RISSARDO, 2011). Essa dicotomia, para os autores é o que sustenta a obra de forma bastante nítida. A soma entre os movimentos migratórios que permeiam cada canto da obra e que aos poucos compõe a trajetória familiar, e a própria viagem da protagonista formariam o aspecto dinâmico do livro. Porém, os personagens também enfrentam constantemente a imobilidade, seja pela paralisia da protagonista, pela submissão ao namorado abusivo e a própria imagem da morte retratada inúmeras vezes. Fux e Rissardo concluem:

O imaginário é, assim, o fiel da balança entre a mobilidade e a imobilidade no romance de Levy. Somente por intermédio de um híbrido entre memória, imaginação e realidade é possível viajar no tempo e no espaço para reconstruir de fato e por inteiro a nossa ancestralidade. Ao reinventar suas raízes, a narradora abraça e rompe, simultaneamente, com a sua herança e se descobre permanentemente estrangeira. (FUX; RISSARDO, 2011, p. 36)

Em “Queria voltar a andar, encontrar o meu caminho. E me parecia lógico que se refizesse, no sentido inverso, o trajeto dos meus antepassados ficaria livre para encontrar o meu.” (*A chave de casa*, p. 27) a protagonista se mostra ciente que precisa ressignificar as memórias de seus antepassados para finalmente encontrar seu eu.

A memória coletiva não é algo que a personagem busca apagar de sua identidade, pelo contrário, é a partir da memória de seus antepassados que ela pretende encontrar seu caminho, unindo o novo ao antigo, não deixando que a história dos que viveram antes dela pudesse pesar mais do que seu próprio entendimento sobre o que lhe foi deixado de herança. Como vemos em “A história não é só dele, a vida nunca é de uma única pessoa. Se lhe entregou a chave, é porque acredita que ela faça parte de sua história [...] Reconte a história do seu avô, conte a minha também: conte-as você mesma.” (*A chave de casa*, p. 18), quando a protagonista conversa com o fantasma de sua mãe e esta tenta lhe dar ânimo para procurar conhecer o passado de sua família. A origem dessa necessidade encontra-se dentro da própria protagonista, como podemos constatar na passagem a seguir:

Mas não é só isso, é uma sensação esquisita, uma certeza absoluta de que não sou eu. Nem sempre é você, às vezes é o papai, às vezes o vovô, às vezes nenhum de vocês. Às vezes sinto que é alguém que nunca conheci, mas que fala através de mim, do meu corpo. Como se meu corpo não fosse apenas meu, e a cada momento eu percebesse essa multiplicidade, a existência de outras pessoas me acompanhando. (*A chave de casa*, p. 49)

Para a protagonista, a presença da memória não apenas familiar, mas coletiva, é tão forte que sente como se seu corpo não mais lhe pertencesse. O peso do passado a faz se sentir velha, ao mesmo tempo que as constantes migrações de sua família lhe trazem uma sensação de não pertencimento.

Há o questionamento de até que ponto todo o passado de seus familiares e de seu povo influencia na sua visão de mundo e na autoimagem que ela constrói. Ela se vê na obrigação de levar adiante toda a história de luta e movimentação de seus familiares, porém, não consegue se encontrar totalmente nessa herança.

Quando se depara imóvel em uma cama, ao contrário de todas as histórias das migrações de sua família, sem conseguir seguir em frente com o peso do passado, nem com sua própria vida, é que ela começa a buscar até onde a memória já seria parte de sua própria identidade.

Como já mencionado na introdução do trabalho, *A chave de casa* é construído a partir de vários fragmentos. A forma como são inseridos na obra, como pequenas partes de um todo que se entrecortam, leva o leitor aos poucos a juntar os pontos e entender não apenas o significado de cada história, mas sua motivação dentro da obra.

A protagonista se vê em uma busca pela identidade, querendo entender até que ponto ela é um produto da herança e da memória de seus antepassados, ou como tudo isso influenciou para que ela se tornasse quem realmente era.

O dilema da protagonista se inicia quando esta recebe a chave da antiga casa de seu avô na Turquia e, junto com ela, a missão de voltar ao país de seus antepassados e abrir a porta que a ligaria a suas raízes. Então, a narradora precisa decidir não apenas se viajaria ou não para a Turquia, mas se aquilo iria realmente ajudá-la a se encontrar entre toda a memória de seus familiares.

Entre os principais acontecimentos rememorados, podemos citar a morte da mãe, a quem a protagonista era bastante apegada e que funcionou como um choque de realidade – e talvez o verdadeiro estopim para ela começar a se questionar sobre a forma como recebia a memória de seus familiares.

A obra nos leva por todo processo de adoecimento da mãe até sua morte. Sem a mãe, a narradora logo se sente doente, presa a uma cama, sem conseguir sair do lugar. Ela acredita já ter nascido velha, provavelmente por carregar sem compreender todo o peso do passado dos pais e do avô. Então passa a buscar entender como as diversas migrações de seus antepassados e suas dores pareciam de uma forma ou de outra interferir no que ela era.

Evidenciam-se nesse percurso a vida dos pais da protagonista durante a ditadura, quando foram obrigados a se exilar em Portugal, onde a protagonista nasceu, além da vinda de seu avô para o Brasil, fugindo de um antigo amor e sonhando em poder ter uma nova vida nas terras distantes. Esse é o contexto no qual acontece o relacionamento abusivo e intenso no qual a narradora se vê inserida e precisa tomar uma decisão drástica para se livrar.

Tudo isso soma-se à chave, real e psíquica (NOVARESI, 2007), como o símbolo para se abrir a porta para o passado, mas também a porta para se desvencilhar da herança e achar seu próprio caminho. A possibilidade de, tanto abrir a porta para um lado já existente, o de dentro

da casa, o do passado, quanto para o novo, o lado de fora, para sair do que a prende à memória e começar a trilhar seu caminho.

Ao final, a protagonista descobre que a casa não existe mais, conseqüentemente não há mais uma porta para se colocar a chave. Paradoxalmente, esse evento anticlimático torna-se positivo, uma vez que permite que a narradora se desvencilhe do passado que a assombra.

## 2. OS NARRADORES EM *A CHAVE DE CASA*

Em *A chave de casa*, deparamo-nos com dois tipos de foco narrativo: o narrador onisciente neutro e o narrador-protagonista. A mudança nos narradores confere uma oscilação na aproximação entre a protagonista e os fatos narrados.

### 2.1 Narrador-protagonista

Em *A chave de casa* há a predominância de uma narradora em primeira pessoa, que expõe suas dúvidas, sentimentos, frustrações. Ao longo das páginas, a narradora se mostra de muitas formas, sempre aberta com suas emoções, o que cria uma atmosfera de intimidade.

Para conseguir criar essa aproximação, a narradora-protagonista dá preferência à cena. Para Friedman, que se apoiou na distinção de Lubbock entre Cena e Sumário, a cena surge nos detalhes, em tudo aquilo que é essencial para a narração, enquanto o sumário é um relato generalizado e abrangente. Por exemplo, podemos citar o uso da cena em *A chave da casa* na seguinte passagem:

Nas paredes do quarto, apenas musgo. Um cheiro fétido de coisas guardadas. Objetos esverdeados pelo mofo. Tudo já degradado, tudo velho, antes mesmo do tempo. No centro do quarto, a minha cama. De madeira apodrecida, nem sei como ainda se mantém de pé. No centro da cama, o meu corpo. Dilacerado, aberto por feridas em carne viva. Repleto de nódoas roxas e amarelas. De furúnculos. Meu corpo carcomido pela ancestralidade do quarto. Impossibilitado de se movimentar. No centro do corpo, a máquina de escrever. O teclado quase todo apagado, a tinta por acabar. Minhas mãos enxovalhadas pelo sangue seco teclam, uma a uma, as letras do que escrevo. (*A chave de casa*, p. 41)

Os fragmentos em primeira pessoa mostram a história a partir do lado de dentro, contando os detalhes de cada momento vívido pela protagonista. A história se dá a conhecer através dos olhos da personagem, o que contribui para criar dúvidas.

## 2.2 Narrador Onisciente Neutro

De forma a fazer um apanhado das memórias dos familiares, a narradora-protagonista dá espaço para outro foco narrativo. Utilizando-se da terceira pessoa, a narrativa busca apresentar uma visão externa e distante dos fatos.

Tanto ao tratar do passado dos pais, quanto da imigração do avô, os fragmentos passam a ser narrados por um narrador onisciente, o que gera um distanciamento entre a protagonista e os fatos, lhes conferindo um ar de memória passada de geração para geração.

Na terminologia de Friedman, o narrador onisciente neutro fala em terceira pessoa, tendendo ao sumário, mas também com frequência faz uso da cena. A visão é de frente ou de fora e, ao contrário do narrador onisciente intruso, não tece comentários no decorrer da história, mesmo que possua bastante liberdade durante a narração. Podemos encontrar o uso do narrador onisciente neutro em *A chave da casa* no seguinte trecho:

Já estava no navio quando sentiu o peito apertado, o estômago revirado de angústia: só ele conhecia o verdadeiro motivo de sua partida. Vida melhor sempre se podia conseguir onde se está, mas fugir, não; para isso é preciso pegar um navio, ir para bem longe, principalmente se for de um grande amor, impossível de tão grande, como era o seu. Vinha de terceira classe, a cama apertada, colada a tantas outras em dois andares. Os passageiros eram, em sua maioria, homens sozinhos ou família inteiras. Quase não havia mulheres desacompanhadas. O cheiro era azedo desde o princípio da viagem, e ele pensou que seria difícil conviver com o fedor, os desconhecidos, a gritaria das crianças, os bêbados e ao mesmo tempo carregar tanta dor no corpo. Na verdade, não estava motivado para começar uma vida nova tão distante de suas raízes. (*A chave de casa*, p. 35)

Na obra, o narrador onisciente possui uma visão de frente, porém, tende à cena. O trecho citado, um relato da protagonista sobre o que ouviu sobre o passado de seus familiares, se mantém distante, sem tecer comentários a respeito dos acontecimentos. O narrador, nos

trechos sobre os fatos ocorridos com os antepassados da narradora, aparece em um registro narrativo onisciente, como podemos ver na citação a seguir:

Quando ela chegou, ele pensava na vida, o corpo derramado na cama, o cigarro queimando solitário no cinzeiro. Levantou-se num ímpeto: então, como foi? Ele tinha ficado em casa (não podia estar dando bobeira na rua) enquanto ela fora à reunião. Sem grandes novidades, ela respondeu com uma voz monocórdia, a planilha de sempre. Ele suspirou aliviado, tinha receio de notícias ruins, e disse: vamos comer algo. (*A chave de casa*, p. 125)

A escolha do narrador onisciente neutro cria um afastamento entre os personagens e a protagonista. Por mais que as histórias estejam ligadas pela própria herança familiar, os acontecimentos vivenciados pelos pais e pelo avô são alheios à protagonista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar ambos os tipos de narradores, podemos notar que a obra pretende criar um distanciamento entre a protagonista e seus antepassados nos fragmentos que tratam dos eventos vividos por esses. Os narradores são colocados de forma distinta, um que cria uma atmosfera mais íntima, enquanto outro que pretende apenas expor os fatos.

A memória, assim, se mostra também de forma diferente em cada fragmento, não pertencente por completo à personagem, por mais que ela esteja inserida naquela realidade e que a história de seus pais e até a dos países que fizeram parte da vida de seus antepassados tenham influenciado na formação de sua identidade. Tanto se mostra distante, que a personagem se vê sem uma pátria, por mais que muitas tenham feito parte da história de sua família.

A obra vai se construindo da mesma forma que a memória da personagem: em fragmentos, de forma dúbia ou contraditória, e distante da memória de seus antepassados. A narradora lança mão de componentes opostos, tratando-os por vezes com sua real contrariedade, mas outras de forma harmônica para representar a dubiedade que envolve a protagonista.

A protagonista, como a narrativa mesma, lança mão da memória para alcançar o passado, modificando-o de acordo com seu presente, para com isso poder compreendê-lo e se distanciar do que acredita não lhe pertencer. Ao mesmo tempo que a história de seus familiares seja lembrada, ela não lhe pertence, e apenas desconstruindo-as e criando sua própria história por cima que a narradora consegue se ver livre do peso do passado que sempre carregou nas costas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

LEVY, TATIANA SALEM. **Do diário à ficção: Um projeto de Tese/romance**. Disponível em: < [www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/3Do%20di%20rio%20%20fic%20\(E3o%20\(Tatiana%20Salem%20Levy\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/3Do%20di%20rio%20%20fic%20(E3o%20(Tatiana%20Salem%20Levy).doc) > Acesso em: 26 de set. 2016.

GINZBURG, JAIME. **O narrador na literatura brasileira contemporânea**. Disponível em: < <http://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790/2999> > Acesso em: 27 de set. 2016.

CINTRA, I. A. **Marcas linguísticas do narrador**. *Alfa*, São Paulo, 25: 49-56, 1981. Disponível em: < <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3634/0> > Acesso em 27 de set. 2016.

CAIXETA, Sheila Couto. **Memória e identidade em narrativas de migrantes : A chave de casa de Tatiana Salem Levy e Azul-corvo de Adriana Lisboa**. 2014. 75 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BARROS, Miriam Moraes Lins de. **Memória e família**. Estudos Históricos n° 3 - Rio de Janeiro, Vértice.

FUX, Jacques; RISSARDO, Agnes. **Herança e Migração em A cave de casa**. *Revista Ciências & Letras* v. 50, 2011. Disponível em: < [http://www.sumarios.org/index.php?q=resumos/44884&field\\_revista\\_value=136923](http://www.sumarios.org/index.php?q=resumos/44884&field_revista_value=136923) >. Acesso em 30 set 2016.

LEOPOLDO, Raphael Novaresi. **A chave de casa**. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 8, n. 10, 2012.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo:(ou a polêmica em torno da ilusão)**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

KLINGER, Diana. **LEVY, TATIANA SALEM. A CHAVE DA CASA.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 230-259, 2º sem. 2008. Disponível em: <  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4423> > Acesso em: 30 set 2016.